I.

Depois de Emmanuel Macron, foi a vez de Angela Merkel sair de Washington sem promessas em relação ao acordo nuclear iraniano. No programa de hoje olhamos para as visitas dos líderes europeus à Casa Branca, onde foram também debatidas questões da área do comércio e da defesa.

Liberdade de imprensa está ameaçada em estados democráticos. Relatório anual da organização Repórteres Sem Fronteiras revela degradação da situação na Europa.

E a fechar a edição de hoje: Bruxelas proíbe pesticidas que afectam abelhas.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa! Não há garantias que Donald Trump permaneça no acordo nuclear iraniano. A chanceler alemã Angela Merkel saiu de Washington sem quaisquer promessas do líder norteamericano. Mais com a jornalista Ana Isabel Dias.

Da última vez que Angela Merkel esteve na Sala Oval, Donald Trump recusou apertar a mão da líder alemã.

Agora o cumprimento foi mais caloroso. Mas foi apenas o aperto de mão.

Nesta primeira visita depois das eleições, Merkel trouxe à Casa Branca temas sensíveis para discutir - entre eles o acordo nuclear do Irão, que Trump quer abandonar.

Em nome da estabilidade mundial, a chanceler pediu-lhe que não o faça. Não conseguiu, porém, quaisquer garantias por parte do líder norte-americano.

Nesta visita germânica foram ainda abordados temas tão diversos como o comércio e a defesa.

Em relação à imposição de taxas sobre importações de aço e alumínio, o anúncio de Março deverá manter-se e entrar em vigor já a partir de Maio.

Na ocasião, Donald Trump destacou o desequilíbrio no comércio entre a União Europeia e os Estados Unidos, e expressou o desejo de uma relação "recíproca" entre as duas partes.

Na área da defesa, o presidente voltou a sublinhar que é necessário fortalecer a Aliança Atlântica, lembrando a necessidade de garantir que todos os estados-membros respeitem os compromissos dentro da NATO e aumentem o contributo financeiro.

Ana Isabel Dias aqui sobre a visita de Angela Merkel aos Estados Unidos. E ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado em Bruxelas.

Victor, temos duas visitas a Washington com objectivos parecidos, mas com contornos diferentes. Macron esteve três dias nos Estados Unidos, Merkel esteve três horas. Que leitura é que se pode fazer destes dois momentos?

São várias as leituras. Para nós, europeus, o que é importante é que, quer Emmanuel Macron, quer Angela Merkel transmitiram as mesmas mensagens ao presidente americano. Houve coordenação. Isso é importante, porque é fundamental que Donald Trump compreenda que existe a União Europeia e ele tem muitas dificuldades em entender a União Europeia, ele continua a olhar para a Europa país por país, e a visita destes dois líderes europeus lembrou, por um lado, que existem de facto muitos países, que a Europa é um conjunto de países, mas também que existe um espaço geopolítico, um espaço económico e um espaço comercial, que é a União Europeia.

Merkel e Trump têm uma relação quase glaciar. O presidente norteamericano tem um problema com a balança comercial que os Estados Unidos mantêm com a Alemanha. Que mais afasta estas duas potências?

O presidente americano olha para a Alemanha como um rival económico e também como um país, que sendo extremamente rico, não contribuiu de modo significativo e proporcional para as despesas militares da NATO. Por outro lado, também há aqui uma questão provavelmente psicológica. O pai de Donald Trump tinha raízes profundamente alemãs e, em certa medida, Donald Trump sente que deve ter uma atitude muito dura em relação aos alemães e nomeadamente em relação à líder alemã para mostrar aos cidadãos do seu país, aos cidadãos americanos, que ele é profundamente nacionalista, profundamente americano e que já não tem nada a ver com as raízes históricas da sua família. Por outro lado, Donald Trump é uma pessoa de relações muito simples e primárias em certa medida, muito directas, e sente-se muito mais à vontade com um líder que participe de uma maneira informal no relacionamento do que com uma pessoa como Angela Merkel, que é extremamente formal e muito ciente da maneira como um dirigente político se deve apresentar em público.

Falando do entendimento nuclear iraniano. Berlim está ao lado de Washington ao dizer que o acordo actual não chega.

Trump referiu que os Estados Unidos não querem que este tipo de regimes, como o Irão, se aproximem da arma nuclear e que Teerão

está envolvido onde quer que haja um problema no Médio Oriente. O líder norte-americano parece estar irredutível.

Ele continua a pensar que o acordo nuclear com o Irão é um acordo que não põe barreiras suficientes à expansão militar e às ambições políticas do Irão, no Médio Oriente.

Quer as negociações com os franceses, quer as negociações com os alemães não conduziram a uma mudança da opinião do presidente americano. E nesse sentido, ele mostrou, por um lado, que não se deixa influenciar por opiniões de líderes estrangeiros e, por outro lado, mostrou também que continua a ser muito coerente com as posições que assumiu durante a sua campanha eleitoral. E nós vamos assistir provavelmente, não só a uma ruptura da participação dos americanos no acordo com o Irão, mas também, em certa medida, a uma situação de grande confusão ao nível da Europa, no sentido: que fazer a partir do momento em que os EUA já não sejam país participante nesse acordo.

Saindo do acordo o que é que pode acontecer? A intervenção militar no Irão é uma possibilidade?

Eu creio que não, ele vai sair do acordo pura e simplesmente por razões de afirmação política, para mostrar claramente aos americanos de que ele é diferente de Obama, mas o acordo que está baseado numa resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas vai continuar em vigor e tudo depende da maneira como a parte iraniana vai responder a essa saída dos americanos.

Donald Trump, Presidente dos Estados Unidos da América Mantemos contacto total, tanto com a Coreia do Norte como com a Coreia do Sul, vamos agendar um encontro muito em breve, temos já dois ou três lugares em perspectiva e esperamos ter um enorme êxito. Vamos ver o que acontece.

Acabámos de ouvir declarações de Trump no encontro com Merkel sobre outra questão actual e que também tem a ver com o nuclear, mas na península coreana. Tivemos na semana passada o encontro que levou pela primeira vez um presidente norte-coreano ao sul desde 1953.

Como é que olha a Europa para este dia histórico que pôs os dois líderes coreanos de mãos dadas?

Há muita esperança de que o acordo entre o presidente sul-coreano Moon e o líder norte-coreano Kim seja o início de um processo de desnuclearização, não só da península coreana, mas também um processo de apaziguamento em toda aquela parte do continente asiático.

Nesta primeira parte, espaço ainda para um balanço da conferência em Bruxelas sobre a Síria que decorreu na semana passada.

Não foi um sucesso, não atingiu os objectivos humanitários que tinha, ou seja as contribuições anunciadas ficaram aquém daquilo que é necessário para o ano 2018. Falava-se em necessidades da ordem dos seis mil milhões de euros e na realidade a conferência mobilizou apenas 3,5 mil milhões de euros.

Ao nível político também não teve grande sucesso. A conferência tinha como objectivo voltar a pôr as Nações Unidas num lugar de condutor do processo político, mas a verdade é que as Nações Unidas e, nomeadamente o processo de Genebra, está completamente paralisado e eu não vejo que seja possível nos próximos tempos restabelecer, digamos assim, esse processo em Genebra, ou seja, neste momento, tudo indica que a solução militar é a solução preferida pelos principais protagonistas na Síria. A verdade é que logo a seguir à conferência de Bruxelas, se reuniram em Moscovo os ministros dos Negócios Estrangeiros da Turquia, do Irão e da Rússia para discutir as questões políticas e para mostrar claramente que, quando se trata do processo político são esses três países que irão determinar a agenda.

III.

Já voltamos à conversa com Victor Ângelo.

A Europa é a zona geográfica do planeta onde a liberdade de imprensa é menos ameaçada. No entanto foi no Velho Continente que se registou uma maior degradação do índice do exercício do jornalismo. Os resultados são do relatório anual da organização não-governamental "Repórteres Sem Fronteiras", como nos conta a jornalista Sofia Jesus.

A ameaça à liberdade de imprensa está presente em estados repressivos, mas também em nações democráticas. E a Europa não é excepção.

Esta é uma das conclusões do relatório da organização nãogovernamental "Repórteres Sem Fronteiras" que todos os anos analisa o exercício do jornalismo em 180 países.

Noruega, Suécia e Holanda estão no topo deste ranking, como as jurisdições que mais gozam da liberdade de imprensa. No fim da lista aparecem países como a China, Síria, Turcomenistão, Eritreia e Coreia do Norte.

Foi na Europa que se registou uma maior degradação do índice regional. Entre as cinco quedas mais fortes, quatro são de países europeus: Malta caiu 18 lugares, alcançando agora o 65º lugar; a República Checa ficou em 34º com uma queda de 11 posições; a Sérvia passou para 76º, caindo 10 números na lista e a Eslováquia aparece agora na posição 27º, dez lugares abaixo do índice do ano anterior.

De realçar que Portugal subiu quatro lugares na classificação. Está agora em 14º.

A Europa continua a ser o continente que está mais bem colocado quando se fala em liberdade de imprensa, mas é um modelo que se está a deteriorar com os dirigentes políticos que atacam o jornalismo. Foi o que realçou Christophe Deloire, secretário-geral da "Repórteres Sem Fronteiras".

Victor, que leitura fazer deste relatório?

É inacreditável que ainda tenha que se discutir este assunto na Europa, na União Europeia em 2018, mas a verdade é que nos últimos tempos nós temos assistido a vários ataques contra os jornalistas, ataques esses que tiveram lugar em Malta, onde uma jornalista muito conhecida, Daphne Caruana Galizia, foi assassinada; tivemos a situação na Eslováquia, onde um jovem jornalista que estava especializado em casos de corrupção e nomeadamente na utilização corrupta de fundos europeus, foi também assassinado; temos o caso da Hungria em que vários jornais têm estado sob o fogo do governo e um deles, um dos jornais mais prestigiados e mais antigos de Budapeste acabou por fechar. Nós temos um panorama hoje ao nível da imprensa e da comunicação social em que, por um lado, há uma situação em que o controlo desses meios de comunicação social é feito cada vez mais por grupos que têm muito a ver com as ambições políticas e as ambições económicas e também temos uma situação em que os jornalistas são vítimas de intimidações e, em certos casos, são objecto de violência física.

Portugal subiu quatro lugares no ranking. Eu perguntava-lhe, isto aconteceu porque a situação melhorou no país, ou porque piorou nos outros países?

Eu penso que a razão da subida em Portugal tem a ver com a situação nos outros países europeus a situação se agravou. Em Portugal o que nós temos é uma situação em que a imprensa escrita está neste momento com imensas dificuldades de sobrevivência e, por outro lado, cada vez mais as televisões - e nomeadamente as televisões generalistas de faca e alguidar - têm uma audiência enorme.

Na semana passada foram condenados na Turquia 14 jornalistas, acusados de terrorismo. Vamos ouvir o trabalho do jornalista Nuno Carvalho da Antena 1.

[Todos se declararam inocentes e quase todos foram condenados. A acusação era de apoiarem o clérigo Fethullah Gulen, segundo o governo turco, inspirador do alegado golpe de estado falhado de 2016. Nas alegações finais, os acusados disseram-se vítimas de um processo político, destinado a silenciar a imprensa livre da Turquia. O jornal "Cumhuriyet" é frontalmente crítico do presidente Erdogan,

mas a própria existência do jornal é considerada criminosa pelo Governo, queixam-se os advogados da defesa. A Turquia está quase nos últimos lugares da lista da Liberdade de Imprensa no mundo, elaborada pela organização Repórteres Sem Fronteiras. As sentenças vão de dois anos e meio de prisão a oito anos, a mais pesada para o chefe de redacção do jornal. Só três dos colaboradores foram absolvidos. Os jornalistas condenados não ficam presos. Vão aguardar o recurso em liberdade.]

O que é que se pode dizer deste caso?

Nós neste momento se pegamos num jornal turco - e eu de vez quando faço isso e tento perceber através dos tradutores automáticos aquilo que os jornais turcos dizem - o que nós verificamos é que a maioria da imprensa turca diz apenas aquilo que o poder lhes pede para dizer. Aqueles que têm uma atitude mais crítica, aqueles que possam, em certa medida, apresentar uma visão alternativa da política de Erdogan, são vítimas de repressão, são acusados de terrorismo e são mesmo encarcerados e objectos de uma repressão extremamente violenta.

IV.

E num outro tema que está a marcar a agenda europeia. Os representantes dos países do bloco comunitário aprovaram a proibição do uso de pesticidas ao ar livre que prejudicam as abelhas. O Comité Permanente da Cadeia Alimentar e da Saúde Animal deu luz verde à proposta de restrição do uso de três substâncias prejudiciais conhecidas como neonicotinóide. A utilização passa a ser proibida a não ser em estufas onde não ocorra exposição de abelhas aos produtos.

Esta tem sido uma batalha quase pessoal de Jean-Claude Juncker, que disse "Eu sou abelha". Representa um golpe para duas empresas poderosas, a Bayer e a Syngenta, mas foi mais um passo na preservação da biodiversidade.

Sim, eu penso que é importante. É verdade que aqui há também uma preocupação muito grande com a questão da agricultura e de uma agricultura moderna e eficiente, ou seja, tem de se encontrar um ponto de equilíbrio entre a protecção da biodiversidade, a protecção do meio ambiente, por um lado, e por outro lado, a questão da produção agrícola e a verdade é que as grandes associações de agricultores europeus não apoiaram esta medida, mas a verdade é que nós temos que proteger o ambiente europeu. Há uma contaminação muito generalizada dos solos e da água europeia, a produção em larga escala, a produção na Europa avançou bastante, é hoje provavelmente das mais produtivas do mundo, mas isto tem sido feito à custa do meio-ambiente, por

exemplo, no caso da Alemanha 75% dos insectos voadores desapareceram da Alemanha e isso por causa dos insecticidas e também dos pesticidas em geral.

É hábito dizer-se que "somos aquilo que comemos". Perguntava-lhe, somos então muito piores hoje em dia?

Não, isto quer dizer que nós temos uma agricultura extremamente comercial, uma agricultura que tem de produzir em grandes quantidades, uma agricultura que tem de ser muito competitiva e para que seja muito competitiva utiliza muitos inputs e nomeadamente utiliza fertilizantes em larga escala, utiliza insecticidas, utiliza todo o tipo de produtos químicos que permitam às plantas crescer rapidamente, crescer sem doenças e aumentar a produtividade por hectare.

Quando nós percorremos, por exemplo, as zonas rurais francesas, nós que não somos agricultores, que não percebemos nada de agricultura, vemos que as culturas são do mais moderno e do mais alinhado que se possa imaginar, mas tudo isso tem um preço e o preço é fundamentalmente o preço ligado à utilização de produtos químicos que depois se infiltram nos cursos de água e que se infiltram nos solos e que a prazo acabam por ter um impacto enorme sobre o meio ambiente e sobre a natureza na Europa.

IV.

Victor Ângelo, comentador semanal do Magazine Europa. Esta semana, na nossa nota cultural, trazemos novidades em relação à inauguração do futuro Museu Nacional da Resistência e da Liberdade na Fortaleza de Peniche, em Portugal. 3,4 milhões é quanto vai custar a musealização. Existem 22 gabinetes de arquitectura candidatos ao processo. O museu vai ter onze espaços, incluindo uma reprodução do Parlatório, que recorda as condições em que decorriam as visitas aos presos políticos. Nós ficamos por aqui, até para a semana.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa. As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia. O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + Estamos no Facebook em Magazine Europa.